

5. TEORIA GERAL DA HISTÓRIA DE JOÃO CAMILO DE OLIVEIRA TORRES

Anna Maria Moog Rodrigues
Academia Brasileira de Filosofia
E-mail: annamaria.moog@gmail.com
Data de recepção: 15/01/2018
Data de aprovação: 28/02/2018

RESUMO:

O fazer da História no pensamento do historiador, monarquista e conservador; a compreensão do ser do homem no tempo; regras e riscos para o exercício da profissão de historiador; o papel dos juízos de valor na historiografia; a tendência de historiadores contemporâneos para fazerem Teologia da História; a própria teologia da história do autor.

Palavras chaves: Brasil, História do Brasil, Teoria Geral da História, teoria, filosofia, Teologia da História.

1. Considerações iniciais

João Camilo de Oliveira Torres participou ativamente da vida intelectual brasileira ao longo da segunda metade do século passado para vir a ser praticamente esquecido nas últimas décadas. Recentemente, uma coletânea de seus artigos foi reunida em livro organizado por Daniel Fernandes, com o título *O Elogio do Conservadorismo e Outros Escritos*. No prefácio, Bruno Garschagen anuncia o intuito de resgatar o pensamento conservador do intelectual mineiro.

João Camilo nasceu no ano de 1915, em Itabira, Minas Gerais; "*Itabira é apenas uma fotografia na parede, Mas como dói*". (ANDRADE, Carlos Drummond, 1944 apud TORRES, 1963, p.86).

Se os versos presidem o batismo dos homens, tais como as fadas madrinhas presidiam o destino das princesas, estes inolvidáveis versos de Carlos Drummond de Andrade certamente deram a tônica ao pensamento de João Camilo. Sem qualquer ingenuidade, ele bem percebeu que não se nasce e cresce impunemente em uma determinada região da terra, como atestou no livro a que deu o longo título de *O Homem e a Montanha - Introdução Ao Estudo Das Influências da Situação Geográfica Para a Formação do Espírito Mineiro*.

2. As ideias de Oliveira Torres

Patriota e homem apegado à sua terra natal, toda a obra de João Camilo está marcada pelo desejo de transmitir aos seus compatriotas o sentimento de apreço pela terra, a justa avaliação da pátria e da sua história.

Os livros do escritor hoje se encontram quase esgotados. Aparece um ou outro exemplar nos sebos e ainda assim como raridades. Isto porque o tipo de pensamento que era o seu está fora de moda. Seria anacrônico? Ou estaria fora de moda porque no Brasil de hoje o pensamento conservador não encontra eco?

O autor considera que nós sentimos uma nostalgia da visão unitária e cósmica do homem medieval que conhecia as articulações entre o destino da humanidade e de todo o Universo. Já

nos tempos em que vivemos, de tremendas transformações em todas as formas de existência, de destruições e inovações inauditas, defrontamo-nos inapelavelmente com o questionamento sobre o que representa esta longa e difícil caminhada do homem através dos tempos.

João Camilo pensa que este é o século da Filosofia da História, assim como o século XVIII foi o século da "Razão".

Desde muito cedo, o mineirinho de Itabira revelou-se um estudioso e foi estudando pela vida afora. Estudou Direito, História e Filosofia, Política, Sociologia e Psicologia. Saindo de Itabira e vindo para o Rio de Janeiro, o jovem estudante da Universidade Federal do Rio de Janeiro teve a felicidade de encontrar como seus professores as ilustres figuras do Pr. Maurílio Teixeira Leite Penido, Frei Damião Berge, O.F.M., José Barreto Filho e Álvaro Vieira Pinto. Ninguém poderia ter tido mais. A ninguém teria sido dado melhor.

Católico praticante e convicto, o interesse de João Camilo de Oliveira Torres pelas trajetórias dos acontecimentos humanos será sempre tingido por suas leituras e por suas convicções. Entre as referências de sua predileção sobressaem os escritores e historiadores católicos como Jacques Maritain, Denielou, Theillard de Chardin, Chesterton, Newman e muitos outros da mesma estirpe, leituras estimuladas pela grande repercussão do movimento neo-tomista na época.

Não obstante, homem de vastíssima erudição, suas leituras não se limitaram aos autores que mais sintonizavam com suas próprias ideias, mas ao contrário, abrangiam um escopo muitíssimo mais vasto, como é atestado por sua obra.

Estudou e aprofundou os estudos em várias disciplinas para entender a história e estudou história para compreender os problemas dos homens e da política do seu tempo e do seu país.

Ao longo da carreira de jornalista, historiador e professor, escreveu - e quase concluiu - o que seria a obra maior, a *História das Ideias Políticas no Brasil*, obra composta por doze volumes, nomeadamente: I- *Interpretação da Realidade Brasileira*; II- *O Pensamento Político do Reino Unido*; III- *A Igreja e a Sociedade Brasileira*; IV- *A Democracia Coroada*; V- *Os Construtores do Império*; VI- *A Formação do Federalismo no Brasil*; VII- *O Positivismo no Brasil*; VIII- *O Presidencialismo no Brasil*; IX- *A Vida Partidária no Brasil*; X- *A Estratificação Social no Brasil*; XI- *A Ideia Revolucionária no Brasil*; e XII- *Textos e Documentos para a História da Monarquia no Brasil*.

A maioria destes livros foi publicada, ainda que com títulos diferentes daqueles que o autor havia planejado para cada um no corpo da obra completa. Isto porque cada livro foi sendo publicado ao longo de várias décadas e por diferentes editoras. Os únicos volumes que não lograram ser concluídos, *O pensamento político do Reino Unido* e *Textos e Documentos para a História da Monarquia no Brasil*, não o foram por falta de documentação nos arquivos a que o autor teve acesso. Mesmo incompleta, trata-se de uma obra gigantesca, dotada de uma lógica interna que a torna absolutamente coerente em sua totalidade.

Assim por exemplo, o título do terceiro volume, *A Igreja e a Sociedade Brasileira*, foi publicado pela Editora Grijalbo, em 1968, com o título de *História das Idéias Religiosas no Brasil*. É reconhecida como uma das melhores, se não a melhor história das ideias religiosas. Quando foi publicada, o escritor já havia granjeado renome com a obra *A Democracia Coroada*, publicada em 1957.

João Camilo escreveu sobre o período do Segundo Império, fazendo o elogio da que ele denominou de “*A Democracia Coroada*”. Defendeu a monarquia constitucional, o poder moderador do monarca, o conselho de estado e a própria constituição do Império. Considerava que a constituição do Império brasileiro teria sido a mais democrática que o país teria tido até então.

Da mesma forma, criticou o positivismo, analisou criticamente o liberalismo, combateu o sistema presidencialista, defendeu o parlamentarismo e apresentou várias propostas para a reforma do sistema partidário brasileiro. Foi um conservador que advogou ideias avançadas e que trabalhou como jornalista, professor e historiador para mudar muita coisa que via como equívocos.

Além dos livros acima referidos, e de vários outros, o autor escreveu também uma *Teoria Geral da História* na qual ele indica que a história foi sempre o interesse maior que o orientou. Confessou que a história "*constitui a mais importante das ocupações do meu espírito*". (TORRES, 1963, p.12).

O autor dividiu a sua *Teoria* em três partes. Na primeira, teceu reflexões sobre os temas considerados por ele como sendo fundamentais para a proposta de uma Filosofia da História, temas que tratam de questões de ordem ontológica como o Ser e o Tempo. Considerou-as fundamentais para o estudo da história contanto que sejam tratadas no plano mais terrestre em que se situa a própria história. Daí porque deu a essa primeira parte do livro o título de Tempo e Situação.

Nesta parte, João Camilo pondera que, para o espírito humano, todos os fatos podem ser tidos como presentes. Pela imaginação, o homem pode resgatar o passado em sua memória e pelo conhecimento e leitura pode reconstituí-lo. Pode também projetar-se no futuro. E é justamente esta capacidade, a de resgatar o passado e projetar o futuro aquilo que caracteriza o espírito.

No reino da natureza, tudo se passa sempre da mesma forma. A natureza não apresenta novidades. Mas, ao contrário da natureza, é o espírito criativo do homem que introduz a novidade.

O historiador afirma portanto que:

Por isto podemos dizer que os seres se situam na escala ontológica conforme a sua posição relativamente ao tempo: quanto mais nítida a presença do passado e quanto mais amplo o poder de criar o futuro, mais elevado o ser na escala das perfeições. (opus.cit.p.82)

Na segunda parte do livro, o autor trata das questões relativas à teoria da história propriamente dita. Essa segunda parte, ele denominou de Historiografia e Verdade.

Finalmente, na terceira, e última parte do livro, ele procura apontar para o sentido último da história humana e a essa parte ele deu o título de Encarnação Redentora.

Se na primeira parte do livro o autor se estende no debate de temas da ontologia, da metafísica e da teoria dos valores, é na segunda parte que ele irá se deter nos temas mais pertinentes aos problemas da historiografia propriamente ditos.

Nesse ponto, o autor é cuidadoso ao expor as exigências com as quais se depara o historiador enquanto pesquisador.

É nessa parte que João Camilo reitera o caráter de rigor exigido pela pesquisa. Afirma a necessidade de se abordar o tema que se irá pesquisar sem qualquer preconceito, sem qualquer ideia preconcebida sobre o assunto. O contrário seria uma solução feita de antemão, o que seria prejudicial à investigação e à interpretação dos fatos e documentos. - "*Se vamos em procura da verdade, como proceder se já possuímos a Verdade?*" (opus. cit.p17), pergunta.

Não obstante, ao iniciar-se o fazer histórico ou para se iniciar uma *Teoria da História* propriamente dita, é necessário que previamente seja feita uma análise das maneiras concretas pelas quais os homens podem ler ou escrever a história para a partir daí apontar qual a maneira correta.

Nesse sentido, o autor descreve essas diversas maneiras. Na fase inicial dos estudos, que se pode denominar de pré-lógica, há tão somente a coleta dos dados, a memorização de nomes e datas, o dia e a hora em que se deu qualquer acontecimento, sem que se cuide das repercussões infinitas do mesmo acontecimento.

Em uma fase mais avançada, há o que o autor denomina de fase pré-científica, aquela em que já o conhecimento dos acontecimentos históricos é dado, mas não há ainda a distinção entre a avaliação do acontecimento no seu próprio tempo e a avaliação do acontecimento com as categorias de avaliação do tempo atual. Projeta-se no acontecimento os critérios de valores com os quais se julgam os acontecimentos do presente. Ele escreve:

Infelizmente é este o tipo mais comum de História: constantemente assistimos a historiadores que projetam a sua consciência do mundo sobre os fatos históricos, que interpretam como se fossem atuais."(opus cit. p.231).

Finalmente, João Camilo mostra que o verdadeiro historiador trata o fato cientificamente na sua concretude e singularidade, quando, com ele forem estabelecidas as relações válidas que o explicam, isto é, as relações que dão sentido aos fenômenos. É pois o sentido do fato no seu tempo próprio e as suas consequências que o historiador busca e interpreta. Assim, um acontecimento qualquer - em si mesmo ocasional e aleatório - torna-se em fato histórico "quando encontra uma situação coletiva de tal modo favorável que se faz possível a sua repercussão nos diversos modos de pensar e de agir dos indivíduos, modificando-os." (idem, *ibidem*)

Em outras palavras, um acontecimento qualquer torna-se um fato histórico quando repercute de diversos modos ao longo do tempo e do espaço para além do espaço e do tempo em que o fato ocorreu.

Para ilustrar o seu pensamento, João Camilo dá como exemplo o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Pelo casamento, Fernando e Isabel uniram dois países e fundaram a Espanha. João Camilo comenta: "Toda vez que num mapa, encontrarmos no extremo do Pacífico, ou no turbilhão americano, nomes espanhóis, estaremos anunciando o casamento de Fernando e de Isabel como fato de importância histórica". (idem, p. 235)

A tese é repetida com outro exemplo. Afirmando que o historiador somente dominará a rebelde matéria da história se conseguir ordená-la bem no tempo, supõe que algo possa ter se passado no reinado de D. João I; ao considerar este algo acontecido, o historiador de antemão está ciente de que antes do reinado de D. João I teria havido anteriormente o reinado de D. Afonso Henriques e, por isto, numa cadeia de consequências, "hoje falamos português na América"(idem *ibidem*)

Neste sentido, é que o historiador reitera ser necessário estar permanentemente atento a todas as conexões possíveis que ligam os acontecimentos para lhes detectar o nexos.

Apesar do objeto material da história ser constituído de essências singulares, de situações que não se repetem, de fatos únicos em toda a extensão da palavra, o historiador não dispensa os conhecimentos gerais e tampouco dispensa a aplicação de princípios gerais. Para ele, a compreensão do fenômeno em sua singularidade não exclui a aplicação de noções universais. Daí que ele deva saber conjugar duas atitudes simultâneas: a capacidade de intuir o singular concreto em toda a sua riqueza e todo o seu alcance e, por outro lado, possuir conhecimentos

gerais de modo a ser possível a aplicação de princípios universais que expliquem o fato singular e único.

Assim, por exemplo, uma batalha singular só será compreendida quando o historiador tiver um conhecimento mínimo das táticas militares, do desenvolvimento do material bélico da época e demais conhecimentos gerais que lhe permitirão refazer mentalmente o que possa ter ocorrido de fato naquele singular momento da história.

Entretanto, cabe a pergunta sobre a possibilidade de um saber válido, uma ciência, a partir do fato singular, do fato que se não repete ou do ser individual, único. Os filósofos da história da Escola Culturalista Alemã, com Windelband e Dilthey à frente, respondem a esta pergunta afirmando que compete às ciências exatas explicar os fenômenos, ao passo que ao historiador e aos cientistas sociais em geral compete compreender o sentido dos acontecimentos.

O fato de negar que haja um determinismo na história, não quer dizer que se não possa prever um fenômeno histórico. Na verdade, ao perceber o desenrolar dos acontecimentos, percebe-se que necessariamente deveria ter ocorrido algo antes que venha a explicar o que ocorreu depois. Neste sentido, o pesquisador sabe de antemão o que está procurando. Analogamente, o que caracteriza o descobridor é a posse prévia da imagem do que vai ser descoberto ou desvendado.

A grande questão que se coloca ao historiador é a da avaliação dos fatos históricos. João Camilo não hesita em afirmar que é inevitável que o historiador faça juízos de valor. Ele é firme em defender a tese de que o historiador que se propõe não fazer qualquer juízo de valor, acabará sendo traído pela própria pretensão de neutralidade. Porém, é preciso evitar que a situação pessoal do pesquisador venha a causar prejuízos à pesquisa, isto é, o historiador há de fazer um juízo de valor mas ao mesmo tempo ele deve sempre precaver-se de ser influenciado por preconceitos ou idéias pré-concebidas. Neste sentido é importante manter sempre em mente que a história se escreve no pretérito perfeito do indicativo. A lei histórica só vale *a posteriori*. Há muita perda de trabalho valioso por querer o autor submeter-se sem discussão às teorias preestabelecidas. É necessário que o historiador seja humilde perante os fatos.

João Camilo ainda frisa que é importante, do ponto de vista da objetividade, que sejam considerados os dois lados de cada questão, que se procure as razões pró e contra das decisões que foram tomadas ao longo da história, que se considere as críticas e os elogios que foram feitos às estas decisões. Além disso, assim como o cientista das áreas das ciências exatas, o historiador, como todo o cientista social e o cientista político tem a obrigação moral de buscar e dizer toda a verdade ainda que a verdade não corresponda às suas expectativas. E acima de tudo, é importante que ele tenha a simpatia necessária para ver dentro dos homens e das situações. João Camilo apregoa que a simpatia é a virtude profissional do historiador por definição. O problema lógico e fundamental da história para ele, é o do conhecimento da subjetividade alheia, do "eu", do próximo, é a "descoberta do outro".

Ao fim e ao cabo, para João Camilo, sendo a história um processo, uma contínua sequência de eventos que se desenrolam no tempo, como não há experiência humana do princípio da história ou tampouco do fim, não há saber como a história começou nem como terminará. Em se tratando de 'futuros livres', os prognósticos segundo ele, correm o risco de degenerarem rapidamente em pura profecia. Mas apesar disso, ele afirma que:

Vivemos numa época em que a História representa a grande dúvida, a que os filósofos devem responder e que o homem comum levanta a todos os momentos...Que representa esta longa e difícil caminhada do Homem através dos tempos? E, principalmente, que sorte nos reserva o futuro? (opus. cit. p.15)

Por isto, ao ver do filósofo, estas dúvidas revelam o anseio por uma voz profética. Mas como encarar esta aspiração em face do caráter de rigor que se deseja para a pesquisa histórica?

A resposta é separar o que seja uma pesquisa histórica de uma Filosofia da História ou mesmo de uma Teologia da História. Quando se trata de um determinado acontecimento, jamais se poderá saber de antemão o que de fato ocorreu sem que seja realizada a pesquisa do acontecimento. Nenhuma explicação histórica conduzirá à adivinhação de fatos desconhecidos. Por mais que se tenha uma Filosofia da História ou uma Teologia da História, a pesquisa deve ser iniciada sempre com a postura de que o resultado é ignorado. Mesmo conhecendo o resultado, o pesquisador não tem como saber de antemão o sentido último de como aquele acontecimento se refletirá na situação histórica concreta e quais repercussões, em última instância, o fato irá acarretar.

De onde ser necessário que, além da História, propriamente dita, haja uma Teoria da História que seja a interpretação dos fatos e a procura do significado geral dos acontecimentos.

Para João Camilo, a Teoria Geral da História engloba a Filosofia da História, tal como esta é considerada da forma tradicional e vai além dela, abarcando também o que ele considera com o sendo uma Teologia da História.

Pois se a História, que é a procura da verdade da dimensão temporal do homem realiza o objetivo da ciência - quer esta dimensão temporal seja considerada ou não como projeção da dimensão eterna do homem - ela é também uma Sabedoria, na medida em que este conhecimento torna-se como que uma regra de vida. Isto porque o trato com o passado, a convivência com o sofrimento humano ao longo dos tempos, suas alegrias e paixões, leva a considerar a grandeza do homem, sujeito a misérias e decepções, mas sempre portador de esperança.

O grave perigo que se incorre ao olhar a passagem do tempo e das civilizações será o perigo do Historicismo, isto é, o perigo do Relativismo baseado na história. Esse relativismo historicista é calcado na dúvida acerca de haver ou não haver um sentido mais profundo na história, de haver ou não uma verdade que transcenda a própria história, que seja um padrão em que se possam basear os julgamentos de valor, de verdade e de justiça. Se o simples decurso dos dias e dos anos modifica ideias e instituições, por que não considerar tudo simplesmente obra da própria história? E, nesse caso, por que não admitir que a verdade em última instância seja apenas o fruto, o reflexo de cada situação histórica dada?

João Camilo discorda radicalmente desse ponto de vista. Para ele, esse pensamento historicista não abre espaço para que cada situação histórica seja vista como o reflexo parcial da Verdade eterna e intemporal. E é esta a sua visão da História.

Entretanto, pondera ele, por isso mesmo, se hoje se retoma a consciência da unidade do passado humano, cada vez mais é sentido o apelo para o aparecimento do que ele chama de uma Teologia da História. Autores que procuram referir o sentido da História às dimensões eternas, tanto no campo católico como Daniélou, Thills, Pieper, von Balthasar, Dawson, Ricoeur, Teilhard de Chardin, quanto no campo protestante como Niebuhr, Lowith e Culman ou ainda em setores mais ou menos agnósticos como Sorokin ou Toynbee, tendem nas suas obras para uma Teologia da História.

Quem acompanha de perto a marcha das ideias em nosso tempo, diz João Camilo, perceberá que a Teologia da História é a grande aspiração da cultura moderna.

Ele também termina sua *Teoria Geral da História* com uma Teologia da História. Trata-se da terceira e última parte do livro na qual colocou o título significativo de Encarnação Redentora. Essa parte está dividida em uma Teologia da História propriamente dita, e uma Filosofia ou Teologia da História do Brasil.

Na primeira, parte desta terceira divisão do livro, dedicada à Teologia da História, sob o título de O Senhor da História ele expõe uma visão providencialista e theillardiana da História, uma interpretação da História à luz do Evangelho, da vida de Cristo, onde no capítulo I ele trata da

Criação do homem desde Adão; no Capítulo II trata da Encarnação como fato único e central na história da humanidade, o mistério de Deus encarnado; no Capítulo III trata da Redenção, do conceito de Redenção como libertação, da missão civilizatória do cristianismo e do verdadeiro conceito de Críandade; no Capítulo IV ele faz a interpretação do Apocalipse e do fim dos tempos.

A seguir, autor faz uma Filosofia da História do Brasil. João Camilo resgata a mística portuguesa da Fé e do Império ao mesmo tempo em que faz uma reflexão sobre a própria civilização desde a pré-história. Depois, numa reflexão sobre Redenção e a Civilização, o autor traz para o plano nacional suas considerações sobre as transformações da época moderna com o surgimento da técnica, do mundo moderno, do feminismo, da propagando, da economia de consumo e propõe uma revolução pela revalorização do espírito.

Ao finalizar a *Teoria Geral da História*, é feita uma proposta aos brasileiros. Saindo dos estreitos limites do nacionalismo atualmente em vigor, os brasileiros pertencem a três tradições que possuem, todas elas um sentido de universalidade: a primeira é a tradição portuguesa, que deu o mundo ao mundo pelos descobrimentos, unindo todos os povos; a segunda é a tradição latina, pois que Roma conseguiu o milagre único da unificação política de toda uma civilização e produziu a única língua universal que o mundo já conheceu; a terceira é a tradição católica pois que a própria palavra católico significa universal.

Os portugueses eram homens sem exclusivismos raciais. O irmão, para ele não era o do mesmo sangue mas o da mesma fé e do mesmo rei. João Camilo refere-se ao conceito de *crístocêntrico* ao invés de *etnocêntrico*. Este é o conceito da fraternidade portuguesa, uma fraternidade crístocêntrica. Ao invés de refugarem os contatos inter-raciais, os portugueses encontraram uma solução para os problemas surgidos ao longo dos contatos com outras gentes, a solução inédita da miscigenação.

O universalismo também é constatado no momento em que o Brasil se tornou independente. A Independência foi proclamada pelo herdeiro da coroa em nome dos ideais liberais. D. Pedro integrou, na proclamação da Independência, os ideais da Revolução Francesa com os mil anos de história da Europa que herdara com o sangue das dinastias que lhe corria nas veias. Além disso, D. Pedro não teria simplesmente aceito que se lhe fossem impostos os ideais liberais porque ele mesmo “era um adepto convicto da democracia” (TORRES, 1963, p.667). Ao mesmo tempo, no afã de se tornar independente, o Brasil teria começado a sua vida como nação optando por buscar alimento intelectual por toda parte, sem quaisquer influências doutrinárias, numa atitude de verdadeiro ecletismo. Por estas razões, o historiador afirma que o Brasil tem uma cultura que é mestiça, latina, católica e universal.

Considerações finais

Assim, como o problema que o mundo enfrenta é o dos nacionalismos e das ideologias a serviço destes nacionalismos, ideologias cujo choque há de possivelmente levar à guerras e destruição, o Brasil poderá servir de mediador dos conflitos, criando a ponte para um entendimento fraterno entre os homens de todas as raças, culturas e religiões.

Para isto, basta que os brasileiros o queiram.

O sentido de toda a obra de João Camilo de Oliveira Torres é a repetição insistente deste repto lançado aos brasileiros. A publicação recente do livro *O Elogio do Conservadorismo* representa o reconhecimento desta obra.

Referência

TORRES, João Camilo de Oliveira, **Teoria Geral da História**, Petrópolis, Vozes, 1963.

TORRES, João Camilo de Oliveira, **O Elogio do Conservadorismo e outros escritos**. Organização do Prof. Daniel Fernandes, Curitiba: Arcádia, 2016.

ABSTRACT:

The writing of History according to the historiographer, a conservative; the being of man in time; rules and perils of the profession of the historiographer; the judgement of values and their place; contemporary tendency toward a Theology of History; the author's Theology of History

Key Words: Brazil, History of Brazil, General Theory of History, theory, philosophy, Theology of history.